

Azevedo Amaral

O FALECIMENTO DESSE ILUSTRE JORNALISTA

A imprensa brasileira, já tão fortemente abalada este ano com o desaparecimento prematuro de duas de suas maiores figuras, os jornalistas Urbano Berquó e Lindolfo Collor, acaba de sofrer mais um rude golpe com o falecimento de Azevedo Amaral, ocorrido às últimas horas do dia 7 de novembro último.

Antonio José de Azevedo Amaral que, no período culminante de sua brilhantíssima carreira jornalística, foi justamente considerado o maior jornalista brasileiro, nasceu na Capital Federal, sendo descendente da mesma ilustre e tradicional família fluminense a que também pertenceu Alvares de Azevedo, o grande poeta brasileiro da fase romântica.

Formado em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, teve oportunidade de trabalhar, logo ao início de sua carreira médica, sob a direção do saudoso higienista patricio Oswaldo Cruz. Pouco depois, seguiu para a Europa, onde completou vários cursos especializados.

Fortemente atraído, porém, por uma vocação irresistível, ainda na Europa, deu início a suas atividades de jornalista, às quais haveria, mais tarde, de se consagrar inteiramente, para grangear posição de singular relevo na profissão.

Dotado de extensa cultura, a par de uma memória privilegiada, qualidades essas que punha amplamente a serviço de uma inteligência ágil e voltada para os problemas sociais e econômicos do seu tempo, Azevedo Amaral sabia, como ninguém, comentar rapidamente e com justeza os acontecimentos nacionais e mundiais, o que, aliado a extraordinária capacidade de trabalho, constituiu, sem dúvida, um dos fatores do triunfo de sua carreira jornalística.

Como jornalista, tomou parte ativíssima em todos os movimentos de opinião verificados nos últimos trinta anos, debatendo sempre os assuntos de que tratava, no terreno superior das idéias. Todos aqueles que tiveram o privilégio de manter com ele relações pessoais não se esquecerão jamais

do raro prazer intelectual proporcionado pela sua palestra, ainda mesmo quando as opiniões sobre o assunto em debate estivessem em campos opostos. Dele disse um dos nossos mais autorizados críticos literários: "É um prazer superior da inteligência debater idéias com o Sr. Azevedo Amaral, que é sem dúvida uma das nossas penas mais cintilantes de jornalista, que tem o que dizer e sabe como dizer. São tão grosseiras ou tão ineptas as contradições que geralmente encontramos em nosso caminho, que a um adversário da estatura do Sr. Azevedo Amaral dá gosto de saudar como a um amigo".

Alem de sua imensa produção jornalística, esparsa pelos mais importantes órgãos da imprensa do país num longo período de mais de trinta anos, Azevedo Amaral, ensaista notável que era, publicou ainda as seguintes obras: "Ensaio Brasileiro" (Rio, 1930); "A Aventura Política do Brasil" (Rio, 1935); "Renovação Nacional" (Rio, 1936). Sua última obra — "O Estado Autoritário e a Realidade Nacional" — que constitui um dos melhores ensaios, talvez mesmo o melhor, sobre o regime instituído no Brasil em 10 de novembro de 1937, foi publicado pouco depois dessa data, em janeiro de 1938, havendo sido ditado pelo autor em menos de um mês. Dizemos ditado porque, já há mais de dez anos, Azevedo Amaral se achava impossibilitado de escrever, acometido que fora de moléstia que, praticamente, o privara inteiramente da visão. Nesse período de sua existência, foi-lhe auxiliar infatigável e colaboradora prestimosa D. Cecília de Azevedo Amaral, com quem se casara em segundas núpcias.

Azevedo Amaral prestou também sua colaboração preciosa ao serviço público brasileiro. Alem da função médica que desempenhou ao tempo de Oswaldo Cruz e a que já nos referimos, exerceu sua atividade, como redator, na Imprensa Nacional e posteriormente no D. I. P.

Fazia parte, ainda, do corpo de consultores técnicos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.